

## Catequeses Teresianas

### XVIII

Recorrendo de novo ao Antigo Testamento, Teresa diz que nestas quintas Moradas Deus leva a alma à adega do Cântico dos Cânticos, para a ensinar a amar. Nas quartas Moradas, recorria ao símbolo da água do manancial. Agora, nas quintas, a festa do amor continua, com o bom vinho: “Não ouvistes da esposa [do Cântico dos Cânticos], que «a meteu Deus na adega do vinho e ordenou nela o amor?» Pois assim é isto: como aquela alma já se entrega em suas mãos e o grande amor a tem tão rendida, não sabe nem quer mais senão que Deus faça dela o que quiser” (5M 2,12; diz o mesmo em 5M 1,12). O sublinhado aqui é da iniciativa de Deus: “É Sua Majestade que nos há-de meter e entrar Ele no centro da nossa alma” (5M 1,12). Teresa relê autobiograficamente o Cântico dos Cânticos. Vê-se reflectida nele: na relação amado-amada, lê o relacionamento de Jesus com ela. O orante há-de deixar-se conduzir pelo próprio Jesus: “Ele sabe melhor o que faz do que ela o que deseja” (5M 3,3).

Mas agora, ao leitor de Teresa poderia surgir uma questão, à qual ela se adianta: “O que pensais, filhas, que é a sua vontade?” E responde com o evangelho: “que sejamos perfeitas, para sermos um com ele e com o Pai, como Sua Majestade o pediu” (5M 3,7). Para ela, era claro que a vontade de Deus se vai aprendendo com a escuta e assimilação da palavra de Deus que dá maturidade humana e espiritual. Lendo-a regularmente, a experiência mística não soa a estranho. Teresa confirma, recordando que as quintas Moradas se resumem aos dois mandamentos: “Aqui, só estas duas [coisas] nos pede o Senhor: amor de Sua Majestade e do próximo: é no que temos de trabalhar. Guardando-as com perfeição, fazemos a sua vontade e assim estaremos unidas com ele... Pedi a nosso Senhor que vos dê com perfeição este amor do próximo e deixai fazer a Sua Majestade” (5M 3,7.12). “O amor jamais está ocioso” (5M 4,10). A mística não é tanto fonte do amor: é mais seu resultado. Teresa quase humaniza a mística.

Mesmo assim, põe a alma de sobreaviso sobre a precariedade da situação. Esta “comunicação não foi mais do que uma vista de olhos... Ainda mesmo neste estado não está a alma tão forte que [não] se possa meter nas ocasiões [de perigo]” (5M 4,5). E argumenta de novo com o evangelho: “Quando vejo que estava Judas em companhia dos apóstolos e tratando sempre com o próprio Deus e ouvindo suas palavras, entendo que nisto não há segurança” (5M 4,7). Quando fazemos bem ao próximo, podemos pensar que somos só nós a agir. O velho *eu* narcisista espera sempre uma oportunidade para se mostrar.

*P. Armindo Vaz, OCD*